



Prostituição masculina: Entre o prazer e o sofrimento à luz das representações sociais

Larissa Viana Almeida de Lieberenz

Samuel Jesus Amâncio Bernardo

Carla Aparecida de Carvalho

Fernanda Pereira Guimarães

Marilia Alves

RESUMO

Seja qual for o aspecto que se deseja abordar, a prostituição na sociedade gera sempre uma grande repercussão, que na maioria das vezes, tende a problematizar a ocupação profissional, devido às concepções que foram atribuídas ao longo dos séculos como um pecado religioso e uma perversão moral aos bons costumes sociais. Mas, por um lado, o que causa espanto, silêncio, rejeição ao ser discutido no núcleo familiar, em uma roda conversa, exibido em um documentário ou reportagem, também gera muita curiosidade, fascínio, prazer tanto para quem entra na profissão quanto para quem comercializa os serviços oferecidos na prostituição (MANNING; BUNGAY, 2017, MONICA; COSTA, 2019; OSELIN, 2018).

Palavras-chave: Prostituição masculina, Prazer, Sofrimento, Representações sociais.

1 INTRODUÇÃO

Seja qual for o aspecto que se deseja abordar, a prostituição na sociedade gera sempre uma grande repercussão, que na maioria das vezes, tende a problematizar a ocupação profissional, devido às concepções que foram atribuídas ao longo dos séculos como um pecado religioso e uma perversão moral aos bons costumes sociais. Mas, por um lado, o que causa espanto, silêncio, rejeição ao ser discutido no núcleo familiar, em uma roda conversa, exibido em um documentário ou reportagem, também gera muita curiosidade, fascínio, prazer tanto para quem entra na profissão quanto para quem comercializa os serviços oferecidos na prostituição (MANNING; BUNGAY, 2017, MONICA; COSTA, 2019; OSELIN, 2018).

O trabalho sexual é uma atividade desempenhada por mulheres, transexuais, travestis e homens que nos últimos anos vem ganhando visibilidade em comparação à prostituição feminina. O segredo e silêncio permeiam os profissionais do sexo masculino que atuam quase sempre discretamente, no intuito de preservar sua identidade, pois normalmente escondem a profissão da sua rede de conexões, devido à rotulação social atribuída à profissão e/ou as relações e posições sexuais que o profissional deve submeter-se com seus clientes que na maior parte das vezes são homens (BARRETO, 2017; ELLISON, 2018; ELLISON; WEITZER, 2017; SOUZA NETO *et al.*, 2020).



A prostituição masculina, assim como a feminina, é descrita como a ocupação profissional mais antiga da humanidade (ABAL; SCHROEDER, 2017; CECCARELLI, 2008; JESUS, 2019). Entretanto, a prostituição masculina surgiu mais tarde, a partir do século XII a.C. na Grécia antiga e passou por várias reconstruções histórico-sociais acerca do seu papel funcional, apesar de nunca ter perdido o conceito de ser considerada uma forma de negociar o sexo por alguma remuneração, seja financeira ou não (MANNING; BUNGAY, 2017; MCNEAL, 2020). No cenário atual, a prostituição no mundo apresenta-se de diversas formas: clandestina, ilegal, regulamentada ou legalizada, como é o caso do Brasil, entretanto, qualquer pessoa que lucre com os ganhos obtidos pela prostituição, que não seja o próprio trabalhador, é considerado um criminoso de acordo com Código Penal Brasileiro (BRASIL, 1940).

No Brasil, a prostituição está amplamente inserida em ambientes urbanos ou rurais, em condições luxuosas ou precárias, ajustando-se de acordo com as condições de investimento realizadas pelo profissional. Diante desse misto de ambientes onde a prostituição está inserida, visualizar, reconhecer e perceber a prostituição masculina ainda é socialmente mais difícil, quando se comparado à prostituição desempenhada pela mulher, travesti ou mulher transexual. O trabalho realizado pelo garoto de programa (GP) acontece, na maioria das vezes, de forma velada e é desenvolvido em locais específicos e distantes da percepção social como: casas de swing ou massagem, saunas, apartamentos ou hotéis, enquanto as relações com os demais gêneros acontecem de formas mais explícita, em ruas ou bordéis (FERRAÇA, 2019; PASSAMANI; ROSA; LOPES, 2020; PRADO JUNIOR; AMARAL; BARBOSA, 2018).

De modo geral, os homens que trabalham como acompanhante masculino são homens heterossexuais, gays, bissexuais ou transexuais, e podem ser solteiros, casados ou estarem em relacionamentos estáveis. Eles se inserem no ramo profissional por alguma circunstância específica, como: necessidade financeira, falta de oportunidade profissional, desejo de adquirir produtos de luxo (carros, relógios, vestuário, equipamentos tecnológicos, viagens, entre outros), além daqueles que buscam a exploração da sua sexualidade (ELLISON; WEITZER, 2017; FIGUEIREDO, 2020; GEORGE; BAZO-ALVAREZ; BAYER, 2018). Ainda que cercado de discrição e silêncio, a prostituição masculina, com a internet e a expansão das mídias sociais, vem ampliando sua divulgação e comercialização para outros locais, como: exposição dos serviços em sites especializados em anúncios de GP, em sites de filmes pornográficos, em redes sociais, em aplicativos de relacionamento ou comercialização de vídeos ou, ainda, em plataformas virtuais para prática de sexo online (BRENNAN, 2017; CARD *et al.*, 2017; KUMAR *et al.*, 2017; KUMAR; GROV, 2017; MINICHIELLO; SCOTT; CALLANDER, 2015; SCHRIMSHAW; SIEGEL; MEUNIER, 2017).

Por meio das representações sociais é possível rerepresentar ou recriar novas concepções de ações, crenças, opiniões, valores ou ideais a partir de um novo grupo, que é capaz de produzir um novo saber e inseri-lo socialmente (MUSCOVICI, 2011; 2015). É fundamental observar como as mudanças são



representadas entre o indivíduo e o seu meio social e como o mesmo irá lidar com esses fenômenos (BATISTA; BONONO; 2016; CARMO; REZENDE, 2018; VIEIRA *et al.*, 2016). Moreira *et al.* (2015) destacam que tudo que agrega importância para alguém, seja um objeto, uma situação ou um contexto de vida é descrito como uma representação social. As bases fundamentais da teoria das representações sociais auxilia a elaboração de uma interpretação consensual do ambiente e impulsiona modificações nas opiniões acerca do mundo e si mesmo, para compreender os pontos de vista dos diferentes dos públicos (FERREIRA, 2016; MUSCOVICI, 2011; 2015; SANCOVSCHI, 2007). Marková (2017) aponta que as representações sociais são opiniões organizadas e socialmente desenvolvidas que retratam o pensamento comum acerca de um determinado objeto e baseiam-se na experiência e nas interações sociais com os outros.

Diante de uma profissão construídas historicamente, compreender como os profissionais do sexo elaboram e compartilham seus conhecimentos acerca deste ofício é essencial para que novas concepções sobre a prostituição sejam apresentadas, no intuito de descortinar o olhar sobre um grupo que é frequentemente julgado pela opção de trabalho desenvolvida (CAO; LU; MEI, 2017; IMMORDINO; RUSSO, 2015). Assim, a vivência na prostituição é marcada por diversos sentimentos, experiências e situações, sejam elas positivas ou negativas, que ocorrem antes, durante ou após realizar o trabalho. A construção dessa experiência, aliada com sua percepção sobre as situações vivenciadas, irão formar as representações sociais acerca da prostituição e servirão de base para caracterizar como a prostituição é compreendida na visão do profissional do sexo (BOWEN; BUNGAY, 2016; MOTA, 2018).

Se por um lado a construção social da prostituição masculina é marcada pela rejeição e julgamento da sua inserção no meio social e pelo questionamento da masculinidade do homem que atua nessa ocupação, por outro lado, essa construção histórica faz com que o acesso que não seja de cunho sexual ou remunerado se torne, na maioria das vezes, mais difícil devido ao medo que muitos profissionais têm que sua ocupação seja descoberta. Assim, devido à resistência ao acesso desse público, torna-se mais difícil que novas concepções acerca da profissão sejam criadas, evidenciando o verdadeiro contexto que circunda a prostituição masculina (HUBER *et al.*, 2019; SHUMKA; STREGA; HALLGRIMSDOTTIR, 2017).

Os estudos acerca da prostituição estão inseridos em diversas áreas das ciências da saúde como medicina, farmácia, psicologia e enfermagem (PAIVA *et al.*, 2020; PASSAMANI; ROSA; LOPES, 2019). No entanto, observa-se que o maior número de estudos se concentra na prostituição feminina (BARAL *et al.*, 2015; IRAM *et al.*, 2019; MENESES-FALCÓN, 2020; MITTAL *et al.*, 2018; SILVA; CAPPELLE, 2017; SOHN, 2019). Quando se trata de prostituição masculina, o cenário científico enfatiza, em sua maioria, a temática associada à vulnerabilidade ao Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) ou outras Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST), ao uso de preservativo, à troca de sexo por entorpecentes, à utilização de Profilaxia pré-exposição (PrEP), porém, poucos estudos abordam as configurações e/ou



representações sociais vivenciadas pelos profissionais do sexo masculino (GEORGE; BAZO-ALVAREZ; BAYER, 2018; JACQUES- AVIÑÓ *et al.*, 2019; KUMAR *et al.*, 2017).

Assim, este estudo configura-se como uma forma de proporcionar uma maior compreensão no campo social e científico acerca da temática estudada, de forma a contribuir para o preenchimento de lacunas no campo científico referente, além de ser um meio de dar voz aos trabalhadores do sexo, demonstrando que o trabalho sexual envolve amplo contexto que não se resume somente ao sexo.

Desse modo, o estudo questiona: Como se configuram as representações sociais vivenciadas pelos profissionais do sexo masculino acerca da sua profissão? Sendo assim, pressupõe-se que: i) O trabalho sexual é uma forma de obter remuneração rápida; ii) a vivência na prostituição masculina é marcada por diversos sentimentos que influenciam as representações sociais.

2 OBJETIVO

Analisar como se configuram as representações sociais vivenciadas pelos profissionais do sexo masculino acerca da sua profissão.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de campo de caráter interpretativo, com abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa baseia-se na compreensão das influências socioculturais e ambientais, além de examinar o modo como os fenômenos, situações, comportamentos, crenças e atitudes se desenvolvem e são interpretadas em seu meio social (CRISTANCHO *et al.*, 2018; MINAYO; GUERRIERO, 2014).

Participaram do estudo 35 homens, que foram recrutados por meio do método de amostragem não probabilística denominada *snowball* (bola de neve), técnica aplicada para estabelecer relações com temáticas de difícil acesso ou difícil inserção em seu meio. Baseia-se na interação entre pessoas que desenvolvem a mesma atividade, na qual cada integrante indica ou recomenda um novo participante, até que seja esgotado as fontes de acesso ao estudo ou quando se atinge o objetivo do estudo (COSTA, 2018; RODRIGUES; TELES, 2019; VINUTO, 2014). Desta forma, estabeleceu-se uma rede de conexão com homens de seis estados brasileiros, a saber: Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Ceará e Curitiba e de três países: Espanha, Itália e Venezuela.

Assim, foram utilizados como critério de inclusão para o estudo: homens cisgêneros ou transgêneros que trabalham como profissionais do sexo há pelo menos três meses, tempo mínimo para GP conhecer o cenário de atuação. E como critérios de exclusão: participantes que, no ato da entrevista, estiverem sob efeito de bebida alcoólica ou drogas ilícitas.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de dezembro de 2020 a março de 2021, por meio de entrevistas por vídeo ou audiogravadas, norteadas por um roteiro semiestruturado com questões acerca dos



objetivos deste estudo como: apresentação do entrevistado, entrada no mercado do sexo, situações incentivadoras e desafiadoras vivenciadas na profissão e expectativa para futuro na profissão. As entrevistas ocorreram tanto de forma presencial quanto virtual, na qual o participante indicou por qual meio se sentia mais confortável. Em virtude do atual momento de pandemia da COVID-19, em que o Ministério da Saúde recomenda medidas para prevenção do contágio, as entrevistas cumpriram o distanciamento social e a utilização de máscaras (BRASIL, 2020). As entrevistas tiveram duração média de quarenta e cinco minutos e foram realizadas de acordo com a disponibilidade de cada participante, sendo efetivadas no turno da manhã, tarde, noite e madrugada.

As falas foram transcritas na íntegra por meio da plataforma *Reshape* e, posteriormente, foram submetidas à análise de conteúdo temática proposta por Laurence Bardin (2016), conduzida por três fases, a saber: i) pré-análise: fase aplicada pela manipulação dos dados coletados, através de apuração das informações, seguida da estruturação dos dados e planejamento para iniciar a análise; ii) análise exploratória do material: etapa destinada à separação e agrupamento dos dados, por meio de uma matriz codificante; iii) inferência e interpretação de dados: compreendida como etapa de análise crítico-reflexiva dos dados, prosseguido de abstração das informações que foram essenciais para formação das categorias que serão discutidas ao longo da pesquisa.

Salienta-se que formam respeitadas as diretrizes éticas das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde sobre pesquisas com seres humanos (BRASIL, 2012; 2016). O estudo foi encaminhado para Comitê de Ética, via Plataforma Brasil. Ressalta-se que no ato da entrevista, foi lido e assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), em concordância com a participação voluntária na pesquisa. No intuito de garantir o anonimato dos entrevistados, foi atribuído aos participantes nomes de personagens masculinos presentes na teledramaturgia mundial como Alexandre Ticiano (*Verdades Secretas*), Ander Muñoz (*Elite*), Nate Jacobs (*Euphoria*), Hugo Beltrán (*Toyboy*) e, assim, seguidamente.

4 DESENVOLVIMENTO

A população do estudo foi constituída por 35 GP, sendo trinta e quatro homens cisgêneros e um homem transgênero, que apresentavam idades entre 19 a 55 anos e com um tempo mínimo de seis meses e o máximo de trinta anos de atuação como profissional do sexo. Em relação a etnia da amostra, foi composta por 18 (51,42%) homens brancos, 15 (42,86%) homens pretos e 02 (5,71%) homens pardos. Quanto à orientação sexual dos entrevistados 22 (62,85%) eram homossexuais, 11 (31,42%) bissexuais e 02 (5,71%) heterossexuais.

Quanto ao nível escolar, 22 (62,86%) possuem ensino médio completo, 12 (34,28%) ensino superior completo e 01 (2,87%) possui mestrado. Percebeu-se também que a maioria (71,43%) dos entrevistados



possuíam uma ocupação secundária como: modelo, ator, administrador, cabelereiro, engenheiro, advogado, designer, educador físico, analista de recursos humanos, enfermeiro e médico.

Após leitura exaustiva das entrevistas, prosseguiu-se a análise criteriosa de todo material e para melhor compreensão dos resultados, foram elencadas as seguintes categorias: I) Da inserção até o futuro profissional: afinal, por que os homens ingressam na prostituição e o que eles esperam do seu futuro? II) Dualidade da prostituição masculina: entre o prazer e o sofrimento.

4.1 CATEGORIA 1: DA INSERÇÃO ATÉ O FUTURO PROFISSIONAL: AFINAL, POR QUE OS HOMENS INGRESSAM NA PROSTITUIÇÃO E O QUE ELES ESPERAM DO SEU FUTURO?

O trabalho dignifica o homem (Benjamin Franklin, 1706-1790), pois o permite exercer um papel na hierarquia social, uma vez que, ao adentrar-se no mercado de trabalho ele se sente empoderado por desempenhar uma função que contribuirá para o desenvolvimento da sociedade (SANTOS; RIBEIRO, 2016). Mas, por vezes, o trabalho passa de um motivador para uma necessidade, em que pessoas aceitam rotinas de trabalho mal remuneradas, cansativas e que causam sofrimento, em decorrência da falta de perspectiva de progressão na carreira e em prol da sobrevivência. Em contrapartida, muitas pessoas optam por uma forma alternativa de ingressar no mercado de trabalho, através de empregos pouco convencionais e até marginalizados, mas que atendam suas perspectivas profissionais e financeiras em curto prazo (PEREIRA *et al.*, 2020, VARGAS, 2016).

Assim, a inserção do homem na prostituição masculina é influenciada por diferentes circunstâncias e variáveis, que, em sua maioria, apresentam como eixo central o fator monetário. Existem os que ingressam pela necessidade de sobrevivência, os que entram pela curiosidade, influência das amizades ou consequência de um outro trabalho, mas há também os que adentram nesse universo no intuito de viver uma vida flexível e luxuosa, através de ganhos financeiros que seriam pouco prováveis de obter em um mercado formal, de acordo com padrões estabelecidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) (BRENNAN; 2017; SOARES, *et al.*, 2015).

Bom, eu sou um brasileiro, né? E como brasileiro eu tive que me virar e tenho que me virar da forma que eu posso, né? Eu decidi entrar nesse mundo porque eu vi que existia possibilidade de eu ter um ganho rápido, certo? Um dia que eu poderia ter uma chance de me estabilizar de forma rápida, de fugir um pouco do sistema da CLT, do sistema do que era me oferecido, certo? Eu comecei jovem, eu comecei novo, ainda sou jovem, né? Imagina. Eu comecei eu tinha uns dezoito anos, hoje eu tenho vinte e cinco. Então, eu comecei novo, então, para um jovem brasileiro que tenta entrar no mercado de trabalho, sem experiência, é um pouco limitante (GUILHERME LOVATELLI).

Ao realizar as entrevistas com diferentes GP do Brasil e de outros países, observou-se que os entrevistados descreveram o ingresso na prostituição associando-a sempre a alguma questão financeira, que



reforça o estímulo financeiro também apresentado por outros autores (BARRETO, 2017; MONICA; COSTA, 2019; TEIXEIRA, 2011; WALDECK, 2016). Como pode ser evidenciado nas falas abaixo:

Eu sempre trabalhei fichado em empresas privadas, só que eu trabalhava muito, muito e ganhava muito pouco e eu pensava, assim, o que eu posso fazer para ter uma maior quantidade de dinheiro em um menor espaço de tempo? Aí eu comecei a pensar em me tornar um acompanhante. Sempre fui muito elogiado por causa da beleza externa, do corpo. Enfim, pensei, eu vou começar a utilizar isso a meu favor. Então, coloquei um anúncio na internet e, logo em seguida, já fui solicitado, onde realizei meu primeiro programa (ALEXANDRE TICIANO).

Eu tenho oito anos de profissionalismo no programa. Eu sofri abuso sexual, eu fui estuprado, então, fugi de casa pela necessidade e pelo preconceito familiar, por ser homem trans eu decidi entrar no mundo da prostituição (IVAN GARCIA).

Enquanto o entrevistado Alexandre Ticiano enxergou na prostituição um meio que pudesse oferecer uma alavancada na vida profissional, como forma de obter um retorno financeiro rápido e vantajoso, o entrevistado Ivan Garcia, em contrapartida, ingressou nessa profissão como uma forma de sobrevivência, após vivenciar situação de violência no núcleo familiar e abandono do seu lar. A busca pela sobrevivências ainda é uma realidade recorrente que acontece na vida de pessoas transsexuais e travestis que inserem-se no mercado devido à violência e/ou abandono familiar, ao limitado nível acadêmico e à falta de oportunidade profissional. Essas pessoas encontram na prostituição uma forma de trabalho e sustento, já que as oportunidades não são facilmente disponibilizadas para os mesmos, devido ao estigma criado acerca das suas identidades de gênero (KRAWCZAK; SANTOS; STÜCKER, 2017).

Perlongher (1987) discute em seu estudo etnográfico que a entrada na prostituição masculina é induzida por uma pluralidade de fatores, no entanto, o fator econômico é compreendido como determinante, haja visto que a prostituição é percebida por esses espectadores como o recurso final para conquista de uma renda. Essa situação também foi encontrada nos estudos de Teixeira (2011) e George, Bazo-Alvarez e Bayer (2018), nos quais o objetivo primordial desses indivíduos é conseguir obter o maior ganho financeiro possível durante o seu tempo de profissão, a fim de atingir suas metas de vida pessoal.

Em contrapartida, no estudo de Santos (2019), realizado com GP de São Paulo, essa realidade foi diferente, uma vez que a principal causa da inserção na prostituição foi o desejo de um estilo de vida flexível, na perspectiva de viver uma liberdade e autonomia trabalhista, sem alguém para decidir e comandar suas atividades e sem assumir compromisso com o trabalho formal.

Qualquer integração em uma profissão demanda que o indivíduo busque se informar e conhecer o meio de trabalho. Com base nestes conhecimentos, ele consegue se preparar melhor, manter-se e se destacar na atividade (BORGES, 2015; RIZZATTI, *et al.*, 2018; ZVEITER, 2017). No entanto, quando se busca a inserção em uma atividade profissional sem conhecimento prévio, a habilidade deverá ser construída ao longo de um período. Assim, não diferente de outras profissões, na prostituição masculina há homens que



entram de maneira planejada e não planejada (BARRETO; SILVEIRA; GROSSI, 2012; PASSAMANI; ROSA; LOPES, 2020; SANTOS, 2013). Os que programam sua entrada na prostituição, pesquisam e trilham as melhores estratégias de ingressar e sobressair nesse ramo. Enquanto os que entram de forma não programada, criam experiências frente à realidade vivenciada, nem sempre conscientes dos desafios da profissão (SILVA; CAPPELLE, 2015). Esse contexto pode ser observado nas narrativas abaixo:

Antes de iniciar nessa profissão, pesquisei, estudei, olhei site, perfil, conheci um pouco mais sobre o que é, o que faz, como faz. Demorei alguns meses após tomar a decisão de iniciar como acompanhante. O medo e a insegurança foram os dois principais obstáculos que tinha, hoje é menos (NICCOLÒ ROSSI).

Então, foi do nada, entendeu? Estava surfando na praia, aí um casal parou pra mim, eu saí com eles, aí eles falaram mano, você pode ganhar dinheiro, entendeu? Dinheiro fácil, você podia virar garoto de programa. A partir daí eu pensei e iniciei nesse ramo (FORTUNATO DIAS).

A fala do Niccolò Rossi evidencia o planejamento e preparação antes de ingressar na prostituição, a fim de entender como era estabelecida a dinâmica de trabalho no mercado do sexo. Entretanto, o participante Fortunato Dias introduziu-se inesperadamente na profissão, durante de um período lazer, por meio de uma proposta recebida por desconhecidos, acabou adentrando-se e permanecendo na prostituição de forma previamente não planejada.

A entrada planejada é uma situação pouco recorrente na vida dos homens que decidem ingressar no mercado do sexo, pois a grande maioria ingressa por situações anteriores vivenciadas. Tais indivíduos têm o impulso de mudar o contexto passado para uma vida mais legal, fascinante, com foco em obter grande quantia de dinheiro ou de bens, porém, muitos não têm conhecimento do que terá que enfrentar e vivenciar para conseguir o retorno financeiro esperado (SANTOS; PEREIRA, 2016; TEIXEIRA, 2011).

Por outro lado, quando esse profissional planeja e conhece o mercado da prostituição antes de se inserir nele, como relataram alguns participantes nos estudos de Santos (2019) e Silva e Capelle (2017), esse profissional consegue preparar-se física e mentalmente para ingressar na atividade, e por isso, encontra-se mais preparado para enfrentar e sobressair às situações incômodas que podem ocorrer durante sua atuação. Além disso, com esse planejamento, o GP consegue se destacar no mercado frente a outros michês que adentram sem estruturação, e conseguem, portanto, mais clientes, com maior qualidade e com melhor rendimento financeiro (LOBO; VAZ, 2017).

Durante as entrevistas com os GP, estes destacaram diversos motivos que os levaram a seguir essa profissão, mas quando questionados se houve algum planejamento, para seguir a carreira, a maioria relatou que iniciou a prostituição sem nenhum conhecimento acerca do meio, e que no início foi muito sofrido pela ausência de maturidade para lidar com as adversidades próprias da profissão. Esses GP construíram o



conhecimento e as habilidades para se desenvolver na profissão a partir de conselhos de clientes ou amigos que já estavam a mais tempo na profissão ou através de situações problemáticas vivenciadas.

Outra questão apresentada foi a influência dos amigos na decisão de ingressar na prostituição. Os entrevistados referem-se às amigas como um meio pelo qual conhecerem a prostituição, quer seja pelas experiências relatadas ou através de convites para atuarem em conjunto. Como pode ser percebido na fala abaixo:

Eu trabalhava com a gestão de material de uma empresa e eu conheci um cara. Começamos a ficar e durante esse período eu descobri que ele era garoto de programa. Eu aceitei numa boa e ele me fez uma proposta de participar de um programa com ele, eu aceitei e foi interessante. E eu comecei a fazer esporadicamente alguns atendimentos. Como eu já não estava feliz onde eu estava trabalhando, eu vi que era uma oportunidade de estar ganhando dinheiro (BRANDO).

Eu decidir entrar com 24 anos, quando eu fui à Itália. Então eu tinha um amigo que morava lá que estava fazendo programa, que me convidou para ir pra lá, dizendo que eu estava perdendo dinheiro aqui. Porque lá se paga bem e que lá se ganha muito bem, e aí eu acabei indo, tentando e deu certo (CAIO BARONE).

Frente aos discursos trazidos acima, fica evidente a influência das amigas ou dos parceiros como inspiração para que entrevistados entrassem na prostituição. A influência das amigas como preceptor de ingresso na prostituição pode ser compreendida como um ponto positivo e ao mesmo tempo negativo. França (2017) destaca que a pessoa que se insere na prostituição sobre influência de algum amigo, geralmente recebe conselhos sobre a melhor forma de trabalhar, os cuidados que o mesmo deve executar, além de, muitas vezes, indicar clientes para esses parceiros. No entanto, quando esse amigo percebe que o recém GP está sendo mais bem-sucedido na carreira do que ele, esse tende a criar estratégias para desmoralizá-lo no mercado, como inventar mentiras sobre uso de droga, roubo de clientes, violência, ou até redução do seu preço de programa (HAMANN, *et al.*, 2020, PERLONGHER, 1987).

Durante a coleta de dados, os entrevistados reiteraram que no início da carreira é possível estabelecer laços de amizade, no entanto, quando o sucesso começa a chegar, a inveja toma conta dos profissionais e os laços de amizade são rompidos, no intuito de evitar maiores problemas. Este estudo corrobora com a pesquisa de Barreto (2012), pois evidencia que seus entrevistados afirmam que preferem manter distanciamento dos colegas devido à inveja e a competição entre os GP.

Uma outra maneira que predispõe a inserção desse homem no mercado da prostituição é a influência de um emprego primário, que pode servir como meio facilitador de entrada nessa profissão. Como pode ser observado na fala abaixo:

Praticamente uma coisa puxa a outra, porque quando você faz filme pornô você é bem mais visto, as pessoas desejam o seu conteúdo sexual. Como você está atuando ali naquele momento da foda e acaba que elas te desejam. Então vem os convites. Então é uma coisa que sempre vai puxar a outra (VISKY).



Em meio ao contexto relatado, percebe-se na fala do entrevistado Visky, que seu emprego no entretenimento erótico foi o motivo pelo qual foi incentivado a se tornar um GP. No contexto da prostituição, vários empregos como modelo, ator, *personal trainer*, promotor, hostess, dançarino, pedreiro, entre outros, servem de porta de entrada para o trabalho sexual. Uma vez que, por meio da erotização da imagem do indivíduo, as propostas surgem e alguns profissionais aceitam, quer seja pela necessidade do dinheiro ou pelo prazer. Assim, adentram nesse universo, dividindo-se, muitas vezes, entre o emprego primário e trabalho na prostituição ou abdicando da sua função anterior e inserindo-se exclusivamente na prostituição (SANTOS, 2019).

O dinheiro permeia vários aspectos dentro da prostituição, apontado como principal objeto de desejo profissional. A forma como ele aparece, emaranhado nas decisões e nos conceitos, aflora de maneira sutil e transforma sexo casual em profissão. Moldando a busca pela autoafirmação, o dinheiro é a base para perspectivas criadas pelos GP, como uma forma de legitimar o que já é culturalmente marginalizado. Pois, assim, como o trabalhador troca sua mão de obra por remuneração, o GP troca o corpo, que é seu instrumento de trabalho (SANTOS, 2013). Essa visão é o ponto principal, quando se aborda a definição da prostituição como profissão:

Eu não tenho nem como definir. Ser garoto de programa, não tem nem definição. Todo relacionamento envolve troca, né? Você está namorando, está casado, você dá o seu amor pra pessoa e recebe a amor em troca, não é isso? Ser garoto de programa é a mesma coisa, é uma troca também. Você espera receber prazer e a pessoa espera receber dinheiro. É muito bom. Mas será que vale a pena? (SAFIRA MOREIRA).

“Será que vale a pena?” Essa incógnita é levantada quando se fala em quais benefícios a profissão pode angariar se o dinheiro não for o objetivo principal, já que não goza de nenhum benefício tributário: sem legislação trabalhista, sem férias, sem aposentadoria e se incapacitado, sem salário. Os aspectos sociais, familiares e sentimentais também são negativamente afetados, já que a ligação com a prostituição desumaniza o indivíduo e faz com que seja visto como “pervertido”, “marginal”, “objeto sexual”, entre outros tabus que envolvem o sexo. Assim, muitos querem se manter discretos no meio até cumprirem suas metas. Isso reforça o apreço pela remuneração que aparece nos dizeres dos profissionais, nos índices de satisfação que envolvem a profissão, na qual a maioria só deseja acumular fundos para deixar de trabalhar, e atingir objetivos que não seriam alcançados com trabalhos “convencionais” (SILVA; CAPPELLE, 2017).

Destarte, a inserção masculina na prostituição se encontra na busca de conquistar as necessidades materiais de maneira imediatista, mas leva em conta a busca do indivíduo pela autonomia no mercado, ponto em comum com os trabalhadores formais, que levam em conta o resguardo da sua imagem pessoal diante de indivíduos de seu convívio.



Esta categoria apresentou as diferentes influências que levaram os homens a ingressarem na prostituição, porém, o motivo central que impulsionou a decisão final de todos eles a se tornarem GP foi a oportunidade de desempenhar uma função que pudesse trazer bom rendimento e fugisse da tradicionalidade do mercado de trabalho formal. Assim, o dinheiro nessa profissão, exerce um papel de peso tanto na entrada, quanto na permanência do homem nesse meio, visto que o foco central é conseguir obter um bom montante financeiro para se desvincular no futuro da prostituição.

4.2 CATEGORIA 2: DUALIDADE DA PROSTITUIÇÃO MASCULINA: ENTRE O PRAZER E O SOFRIMENTO

A vida dos GP apresenta diversas dualidades, em que pessoas diferentes ocupam o mesmo corpo (o homem e os personagens de trabalho), a vida pessoal e familiar em contraposição da vida profissional, a falta de perspectiva no futuro e a solidão e, por fim, a exigência da sociedade por sucesso, principalmente, o financeiro e o preconceito dessa própria sociedade. Essa dicotomia faz com que haja na vida dos GP períodos e situações de prazer intercalados por momentos de sofrimento.

O prazer e o sofrimento são sentimentos que transitam como uma via de mão dupla na vida dos GP, dentro e fora da prostituição. O prazer é compreendido por meio do êxtase da profissão, representado pelo dinheiro, pela oportunidade de conhecer novos lugares, pela fidelização do cliente e também pelo sexo prazeroso. Enquanto o sofrimento configura como sentimento perturbador vivenciado pelo preconceito social, pressão estética do corpo perfeito, desprezo familiar, questionamento da masculinidade, rivalidade entre os GP, vulnerabilidade às drogas ou às IST, além do sacrifício em relacionar-se com quem não se sente atraído (FREITAS, 2019).

Assim, o GP vivencia e cria diversas estratégias para separar a sua vida pessoal da profissional. Entre as várias táticas, encontra-se a possibilidade de criação de um personagem com o intuito de impedir que ambos se cruzem, a fim de evitar qualquer sinal de fragilidade e interferência no seu cotidiano. Essa característica da dupla personalidade permite separar o seu “eu pessoal” do “eu profissional”, de modo a adaptar-se às exigências do mercado do sexo sem que seus valores e sentimentos possam ser percebidos no decorrer dos seus programas (ALVES, 2011; SOUZA NETO; RIOS, 2015). No entanto, quando o GP dá mais espaço para esse personagem do que para si próprio, ele pode se desvincular da sua identidade e apresentar conflitos nos seus relacionamentos interpessoais, conforme pode ser observado no relato abaixo:

Eu tenho que vestir um personagem, ser um personagem quando eu estou atendendo meu cliente, eu faço isso com uma certa frequência. Então, automaticamente eu acredito, assim, que o meu cérebro vai criando uma certa resistência para não ser uma pessoa sentimental. Sentimental no sentido de relacionamentos, você fica uma pessoa mais direta ao ponto, mais objetiva, a gente começa a evitar de se apaixonar, ter envolvimento com pessoa. Todo mundo na vida tem as suas paixões, namora e tal e a gente corre disso, pelo menos eu corro disso, porque eu sei que se eu fizer, isso vai atrapalhar



minha vida profissional. Então esse lado afetivo é o lado que mais sofre impacto (ALEXANDRE TICIANO).

Para Barreto (2012) e Perlongher (1987), a criação de um personagem incorpora a identidade do GP, em que esse “ser” criado possibilita se destacar em meio aos outros michês, com a finalidade de seduzir e garantir a fidelidade do cliente. Entretanto, quanto mais personagens ele criar para satisfazer seu cliente e para se livrar dos seus valores identitários, mas ele irá se distanciará da sua personalidade. Isso o transforma em apenas um objeto de consumo alheio, e pode levá-lo a perder sua capacidade de expressar sentimento afetivo ao próximo. Em contrapartida, para Guiraldelli (2013), a incorporação de um personagem na prostituição representa um ato de coragem, sobrevivência e resistência, para que os GP lidem com diversas situações, muitas vezes constrangedoras e desafiadoras, vivenciadas dentro e fora do meio da prostituição, no qual a personificação de um “ser” ou de uma nova identidade surge como uma válvula de escape para seguir firmemente a vida.

A criação de um personagem para o entrevistado Alexandre Ticiano revela uma visão diferente dos autores citados, em que esse personagem impede o lado emocional/sentimental de aparecer, mesmo quando não está trabalhando. Dessa forma, evita ter relacionamentos amorosos e se envolver com outras pessoas, o que impacta diretamente na vida afetiva.

Outra questão apresentada foi a participação e o apoio familiar. Os entrevistados referiram que a família, na maioria das vezes, sabe da profissão, porém, não participam ativamente da vida do mesmo. E, muitas vezes, sentem vergonha ou ignoram o GP. No entanto, alguns familiares se beneficiam do dinheiro advindo da prostituição. Como pode ser percebido na fala abaixo:

Todo mundo sabe de tudo e aceita super de boa, tenho uma família com mentalidade muito aberta. Claro que no início foi difícil, lógico ninguém quer um pai que faz filme pornô e que também trabalha com prostituição. Mas o apartamento que ele (o filho) mora, foi tudo com meu trabalho, ele é um menino com mentalidade muito aberta, ele tem um relacionamento muito bom comigo e a minha mãe também. Ela diz que não era o sonho que tinha pra mim, mas se estou ganhando dinheiro, se está bem pra mim é o que importa e a família inteira e isso é o importante (CAIO BARONE).

Minha família finge que não sabe (ANTHONY MARIANO).

Enquanto o entrevistado Caio Barone relatou que a família o acolheu e aceitou a decisão no decorrer do tempo, a família do entrevistado Anthony Mariano prefere negar a existência da profissão do seu ente. O segundo relato traduz uma realidade presente em muitas famílias brasileiras, em que elas reconhecem a profissão, desfrutam do dinheiro, mas utilizam a negação como uma arma de defesa, pois aceitar que um familiar trabalha vendendo prazer para outra pessoa é considerado uma vergonha para os padrões morais da sociedade (PEREIRA *et al.*, 2020).



De acordo com Guiraldelli (2013), o núcleo familiar aceita que homem pague e busque pelo sexo na prostituição para satisfazer suas necessidades. No entanto, quando esse homem se torna o protagonista da ação e insere-se no mercado do sexo, comercializando seus serviços, a família, na maioria das vezes, desprezam e rompem todas e quaisquer ligações afetivas com ele, ou utilizam da negação para aproveitar dos benefícios proporcionado pelo mesmo.

Santos (2013) discute em seu estudo, que homem é projetado para continuar uma família e ser o provedor, sendo ético e moral aos padrões sociais, porém, quando esse homem abdica dessas funções para se dedicar ao que foge do tradicional, desperta desespero no seio familiar, devido ao estigma social que se dá ao trabalho sexual. Assim, a primeira atitude dessa família é afastar e ignorar o GP que se encontra inserido na prostituição para que o mesmo não seja vinculado à família.

Ao adentrar na prostituição, os homens geralmente traçam suas perspectivas de futuro, uma vez que, por se tratar de uma profissão na qual a beleza e a idade devem estar em sintonia, o planejamento do futuro, na maioria das vezes, já é traçado logo no início da carreira. No entanto, devido às várias situações vivenciadas, seja no campo profissional ou pessoal, esses homens se perdem em meio às suas expectativas ou se frustram com situações perpassadas durante sua trajetória profissional (JACQUES-AVIÑÓ *et al.*, 2019; MCCAUSLAND *et al.*, 2020; TEIXEIRA, 2011).

Mas isso pra mim é meio que ilusão, porque a pessoa nunca vai querer aceitar uma pessoa mesmo que ela pare, que ela mude, ela, ele vai sempre ficar mostrando quem você era no passado (CHRIS ACKERMAN).

Frente ao relato do entrevistado Chris Ackerman, fica evidente o impacto que os profissionais do sexo vivenciam no campo afetivo. Uma vez que a prostituição é uma profissão com o envolvimento sexual com inúmeras pessoas diferentes, muitas não conseguem separar a parte pessoal da parte profissional e preferem se distanciar de relacionamentos com pessoas que atuam no mercado do sexo como GP ou atores de filmes eróticos (BARRETO, 2012; PEREIRA *et al.*, 2020; SILVA, 2011).

De acordo com Santos (2019), muitos boys desejam manter relações afetivo- amorosas. No entanto, ao mencionarem suas profissões para o parceiro, gera uma apreensão de ambos os lados, pois o GP tem receio que a pessoa com quem está se relacionando esteja interessada nele somente pelos seus atributos financeiros. Em contrapartida, o parceiro não nem sempre confia que o GP será fiel à relação, e na desconfiança, como uma forma de vingança, pode usar a profissão do mesmo para inferiorizá-lo. A fim de garantir aceitação, Santos (2019) refere que o relacionamento entre pessoas que exercem a mesma profissão tende a funcionar melhor, pois ambos se compreendem através das suas experiências profissionais.

No entanto, uma técnica utilizada por vários GP é utilizar da omissão da profissão para manter relações afetivo-amorosas, pois uma vez ocultado a sua profissão, ele pode se relacionar livremente com



qualquer pessoa, até encerrar sua atuação no mercado da prostituição e iniciar uma nova carreira profissional aceita moralmente pela sociedade e que possa ser revelada para seu parceiro (GUIRALDELLI, 2013; SILVA; CAPPELLE, 2017).

Outro ponto abordado recorrentemente pelos entrevistados foi de como a profissão consumia o seu dia a dia e o quanto precisavam abdicar de coisas da sua vida pessoal para se dedicarem à sua profissão. O objetivo inicial ao ingressar na prostituição era buscar por um trabalho que pudesse trazer flexibilidade ocupacional e, em contrapartida, ser bem remunerado. No entanto, nem sempre essa situação é vivenciada por todos os GP, uma vez que, para obter um patamar de sucesso é necessário renunciar muitos aspectos da sua vida privada. O relato abaixo evidencia como a profissão interfere diretamente na sua vida social:

Você não tem uma liberdade plena, você não é livre plenamente [...] você tem que estar bonito para atender o cliente, você tem que estar bem, você não pode estar de ressaca. Você não pode sair pra noitada que tem que estar bem no outro dia. Você acaba deixando um pouco alguns passeios, algumas coisas legais que você poderia fazer com a família, alguma coisa do tipo [...]. Às vezes, eu sou convidado para sair com alguns amigos para fazer certas coisas, sair, rolés e tal e aí eu deixo de sair porque eu tenho cliente para atender no dia ou em tal horário. Enfim, então acaba que a nossa meta fica mais direcionada mesmo para questão financeira, para questão do trabalho. É claro que de vez em quando eu tiro um dia pra mim, final de semana para eu ir divertir com os amigos e tal, mas creio eu que se eu não tivesse nessa profissão eu teria uma vida social um pouco melhor (ALEXANDRE TICIANO).

No mercado da prostituição, o GP atua como seu próprio chefe, nesse sentido muitos que ingressarem nesse ramo, deduzem que poderão viver uma vida amplamente flexível, pautada na versatilidade, prazer e glamour como evidenciado pela dramaturgia ou pela mídia. Porém, a realidade presenciada nem sempre é a que acontece na maioria das vezes, pois por se tratar de uma profissão autônoma, a sua renda depende diretamente da sua atuação profissional. Portanto, muitas vezes, o GP precisa abdicar do seu lazer e da sua vida social para ficar à disposição do cliente (ARAÚJO; BANDEIRA; SILVA, 2016; NASCIMENTO, 2018; PAIVA *et al.*, 2020). Em compensação, quando o GP decide renunciar à sua vida pessoal em prol da sua vida profissional, geralmente ele consegue se firmar no mercado, e ao longo do tempo muitos clientes ocasionais acabam se tornando fixos, e muitos clientes podem retirá-los do mercado para os manter (SANTOS *et al.*, 2016, SILVA, 2015).

Outra dualidade experienciada refere-se à exigência da sociedade pelo sucesso e o preconceito vivenciado pelo GP. A sociedade diariamente exige dos homens que o sucesso representa autorrealização profissional do indivíduo, em que um homem de sucesso é representado por uma pessoa que possui êxito no campo intelectual, emocional, afetivo, profissional, pessoal e financeiro. Porém, o sucesso não é ofertado da mesma maneira para todos os indivíduos. Aqueles que têm mais oportunidades sociais sempre terão mais vantagens em relação aos indivíduos que não possuem a mesma chance (BÉHAR, 2019; CARVALHO, 2019; FERRAZ, 2020).



A sociedade é muito hipócrita. Na verdade, para todos os meios. Pra dentro da prostituição masculina. Ela é vista com maus olhos. Ah, ele é vagabundo. Ah, ele não precisa. Ah, é um bandido. Ah, vai trabalhar. Pra mulher já é mais fácil. A profissional do sexo já é vista com bons olhos, digamos assim, pela sociedade, ah, mas prostituta, ah, tá certo, tal, já passa batido, né? Para homem ser profissional de sexo já é um tabu, já é uma coisa meio, ah, mas sabe. Então, é complicado pra gente, para os homens serem profissional de sexo, é muito complicado. Porque as pessoas acham que o homem não tem muito o que oferecer e o porquê cobrar pelo sexo (ROBERVAL SANTOS).

Dessa forma, quando esse indivíduo decide procurar alguma forma de atingir o tão almejado sucesso exigido pela sociedade, mas foge dos padrões morais da mesma, ele é repudiado por sua busca e pela forma de conquista, como frequente acontece com homens que trabalham na prostituição. O objetivo principal deles ao adentrarem nessa profissão é conseguir o sucesso e proporcionar uma vida melhor para si e para seus entes. Porém, quando esse profissional consegue atingir esse patamar, ainda assim é duramente criticado pela mesma sociedade, que desvaloriza o seu esforço profissional construído ao longo do tempo. Assim, percebe-se que a sociedade não aceita que, quem trabalha no mercado da prostituição, é digno de representatividade, respeito e sucesso (ABAL; SCHROEDER, 2017; LEITE, 2016; PAIVA *et al.*, 2020; PEREIRA, *et al.*, 2018).

Neste contexto, os homens foram atraídos pela prostituição no intuito de viver uma vida melhor do que a anterior, no entanto, ao adentrarem nessa profissão deparam-se com inúmeras situações que impactaram diretamente não só a sua vida profissional, mas também pessoal. As situações de sofrimento se sobressaem em relação às situações de prazer, sendo que a única satisfação advinda da profissão é o retorno financeiro proporcionado pela mesma.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prostituição masculina ainda se constitui um fenômeno complexo quando comparado à prostituição feminina ou da pessoa travesti e/ou transexual, uma vez que essa complexidade é estabelecida a partir do ponto que a profissão ainda é invisível e pouco discutida socialmente.

Desse modo, este estudo evidenciou que os participantes se inserem na profissão devido ao ganho financeiro alto e rápido e a possibilidade de viverem luxuosamente. Além disso, os homens são influenciados pelos amigos ou parceiros a se tornarem GP, e o fazem de forma planejada ou não. A escolha de entrar para a prostituição também pode estar relacionada ao trabalho primário desenvolvido pelo mesmo.

No entanto, a profissão de GP é permeada por dualidades, que envolve o homem e os personagens de trabalho; a vida pessoal, familiar, social e profissional; a solidão e as perspectivas de futuro; além da exigência de sucesso e preconceito da sociedade. Posto isso, a vida do GP é experienciada por situações de prazer, perpassadas por sofrimento.



Assim, os pressupostos estabelecidos nesta pesquisa foram confirmados. A vivência na prostituição masculina é marcada por diversos sentimentos que influenciam as representações sociais vivenciadas. Tais representações foram baseadas em prazer em exercer a profissão devido ao retorno financeiro obtido, mas ao mesmo tempo marcadas por tristeza devido à necessidade de sigilo profissional, estresse, ansiedade, solidão, medo, exclusão e desrespeito social.

Esta pesquisa limitou-se a GP agrupados em padrão social caracterizado de alto padrão até garotos de luxo denominados modelo ficha azul, pois devido ao atual momento de pandemia de COVID-19, não foi possível contatar profissionais do sexo masculino de outras classes sociais, uma vez que os pontos de trabalho estavam fechados, em cumprimento às restrições estabelecidas por decretos para evitar a propagação do vírus.

Sugere-se como proposta para ampliação dos estudos a comparação da realidade vivenciada dentro e fora da profissão entre homens, mulheres, transexuais e travesti inseridos na prostituição, a fim de analisar os diferentes contextos sentidos e vivenciados por esses profissionais.



REFERÊNCIAS

ABAL, Felipe Cittolin; SCHROEDER, Pâmela dos Santos. Prostituição, estigma e marginalização: o reconhecimento do vínculo de emprego das profissionais do sexo. Espaço Jurídico: Journal of Law, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 509-524, 2017. ISSN 2179-7943. Disponível em: <https://portalperiodicos.unoesc.edu.br/espacojuridico/article/view/7695>. Acesso em: 20 set. 2020. DOI: <https://doi.org/10.18593/ejil.7695>.

ALVES, Alan de Loiola. “Homens que se prostituem e as diferentes identidades”. In: SEMINÁRIO NACIONAL GÊNERO E PRÁTICAS CULTURAIS: olhares diversos sobre a diferença, 3, João Pessoa. Anais..., Joaçaba, 2011. Disponível em: <http://www.itaporanga.net/genero/3/03/05.pdf> Acesso em: 10 mai. 2021.

ARAUJO, Luana Broni de; BANDEIRA, Maria Ceci Leal; SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. Prostituição de luxo: gênero, trabalho e sociabilidade na cidade de belém. Pegada - A Revista da Geografia do Trabalho, [S.L.], v. 16, n. 2, p. 364-377, 4 abr. 2016. ISSN 1676-3025. DOI: <http://dx.doi.org/10.33026/peg.v16i2.3933>.

BARAL, Stefan David; FRIEDMAN, M. Reuel; GEIBEL, Scott; REBE, Kevin; BRZHINOV, Borsche; DIOUF, Daouda; SABIN, Keith; HOLLAND, Claire E.; CHAN, Roy; CACERES, Carlos. Male sex workers: practices, contexts, and vulnerabilities for HIV acquisition and transmission. The Lancet, [S.l.], v. 385, n. 9964, p. 260-273, 2015. ISSN 1557-9891. DOI: [http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736\(14\)60801-1](http://dx.doi.org/10.1016/S0140-6736(14)60801-1).

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Tradução (Luis Antero Reto; Augusto Pinheiro). São Paulo: Edições 70, 2016. ISBN: 978-85-62938-04-7.

BARRETO, Leticia C.; SILVEIRA, Cibele D. da; GROSSI, Miriam P. Notas etnográficas sobre prostituição masculina em Florianópolis: entre o trabalho, o afeto e a sexualidade. Revista de Ciências Humanas, Florianópolis, v. 46, n. 2, p. 511-534, 2012. ISSN 2178-4582. DOI: <https://doi.org/10.5007/2178-4582.2012v46n2p511>.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Vamos fazer uma sacanagem gostosa?: Uma etnografia do desejo e das práticas da prostituição masculina carioca. 2012. Dissertação (Mestrado) –Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil. 2012.

BARRETO, Victor Hugo de Souza. Vamos fazer uma sacanagem gostosa? Uma etnografia da prostituição masculina carioca. Niterói: EdUFF, 2017. 148p. ISBN: 978-85-228-1219-6.

BATISTA, Roberta Rangel; BONOMO, Mariana. Representações e metarrepresentações sociais de imigrantes brasileiros na Europa. Liberabit, Lima, v. 22, n. 1, p. 91-102, 2016. ISSN 1729-4827. Disponível em: http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1729-48272016000100008. Acesso em: 20 set. 2020.

BÉHAR, Alexandre Hochmann. Meritocracia enquanto ferramenta da ideologia gerencialista na captura da subjetividade e individualização das relações de trabalho: uma reflexão crítica. Organizações & Sociedade, [S.l.], v. 26, n. 89, 2019. ISSN 1984-9230. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-9260893>.

BORGES, Juarez Camargo. A qualificação profissional do trabalhador para o mercado de trabalho e ambiente organizacional. 2015. 17f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Faculdades



Integradas de Taquara-FACCAT, 2015. Disponível em: <https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/borges.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2021.

BOWEN, Raven; BUNGAY, Vicky. Taint: an examination of the lived experiences of stigma and its lingering effects for eight sex industry experts. *Culture, health & sexuality*, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 184-199, 2016. ISSN 1464-5351. DOI: <https://doi.org/10.1080/13691058.2015.1072875>.

BRASIL. Decreto-Lei 2.848, de 07 de dezembro de 1940. Código Penal. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 31 dez. 1940. Seção 1. p. 23911. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del2848.htm. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 12 dez. 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre os princípios éticos das pesquisas em ciências humanas e sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, 24 mai. 2016. Seção 1. p. 44-46. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 05 out. 2020.

BRASIL. Coronavírus: COVID-19. 2020. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 05 mai. 2020.

BRENNAN, Joseph. Cruising for cash: prostitution on grindr. *Discourse, Context & Media*, [S.l.], v. 17, p. 1-8, 2017. ISSN 2211-6958. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.dcm.2017.02.004>.

CAO, Liqun; LU, Ruibin; MEI, Xiaohan. Acceptance of prostitution and its social determinants in Canada. *International Journal of Offender Therapy and Comparative Criminology*, [S.l.], v. 61, n. 10, p. 1171-1190, 2017. ISSN 0306-624X. DOI: <https://doi.org/10.1177/0306624X15609920>.

CARD, Kiffer G.; LACHOWSKY, Nathan J.; CUI, Zishan; SHURGOLD, Susan; GISLASON, Maya; FORREST, Jamie I.; RICH, Ashleigh J.; MORRE, Dvid; ROTH, Eric; HOGG, Robert S. Exploring the role of sex-seeking apps and websites in the social and sexual lives of gay, bisexual and other men who have sex with men: a cross-sectional study. *Sexual health*, [S.l.], v. 14, n. 3, p. 229-237, 2017. ISSN 2642-3170. DOI: <https://doi.org/10.1071/SH16150>.

CARMO, Eduardo Borges; RESENDE, Fernanda Mendes. Representações sociais e o processo de construção de identidades homossexuais: identificando e comparando as representações de homens homossexuais e homens heterossexuais sobre a homossexualidade masculina. *Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, [S.l.], v. 3, n. 5, p. 558-578, 2018. ISSN 2448-0738. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/16005/13028>. Acesso em: 20 set. 2020.

CARVALHO, Débora Gusmão Telles de. Sucesso profissional: escolhas duradouras em tempos de incerteza. 2019. 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia: Psicologia Clínica) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia: Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/PUC_SP-1_66eae973921677f6607912fb4be3954c. Acesso em: 10 mai. 2021.



CECCARELLI, Paulo Roberto. Prostituição - Corpo como mercadoria. *Mente & cérebro-sexo*, [S.l.], v. 4, n. 1, p. 1-14, dez. 2008. ISSN 1414-3690. Disponível em: http://www.cpaqv.org/socioantrop/corpo_prostituicao.pdf. Acesso em: 20 set. 2020.

COSTA, Barbara Regina Lopes. Bola de neve virtual: o uso das redes sociais virtuais no processo de coleta de dados de uma pesquisa científica. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, v. 7, n. 1, 2018. ISSN 2317-2428. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/view/24649>. Acesso em: 20 set. 2020.

CRISTANCHO, Sayra M.; GOLDSZMIDT, Mark; LINGARD, Lorelei; WATLING, Christopher. Qualitative research essentials for medical education. *Singapore Medical Journal*, [S.l.], v. 59, n. 12, p. 622-627, 2018. ISSN 0037-5675. DOI: <https://doi.org/10.11622/smedj.2018093>.

ELLISON, Graham. Drifters, party boys and incumbents: The life patterns of male street-based sex workers. *Sociology*, [S.l.], v. 52, n. 2, p. 367-383, 2018. ISSN 1469-8684. DOI: <https://doi.org/10.1177/0038038516676768>.

ELLISON, Graham; WEITZER, Ronald. Young men doing business: male bar prostitution in berlin and prague. *Sexualities*, [S.l.], v. 21, n. 8, p. 1389-1408, 2017. ISSN 1461-7382. DOI: <https://doi.org/10.1177/1363460717708139>.

FERRAÇA, Mirielly. Casa de família e casa de prostituição: embate de sentidos que dividem a cidade. *Linguagem em (Dis) curso*, Tubarão, v. 19, n. 3, p. 451-469, 2019. ISSN 1982-4017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-4017-190306-8818>.

FERRAZ, Janayna de Moura. A noção de sucesso na sociedade capitalista: Entre o mérito e a impessoalidade no trabalho. *SCRIBES-Brazilian Journal of Management and Secretarial Studies*, Viçosa, v. 1, n. 2, 2020. ISSN 2575-4401. DOI: <https://doi.org/10.33228/scribes.2020.v1.11241>.

FERREIRA, Márcia de Assunção. Teoria das representações sociais e contribuições para as pesquisas do cuidado em saúde e de enfermagem. *Escola Anna Nery*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 214-219, 2016. ISSN 2177-9465. DOI: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20160028>.

FIGUEIREDO, Marcos Paulo Magalhães de. Garotas de programa em Teresina: produções do corpo no contexto da prostituição. *Wamon*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 191-204, 2020. ISN 2446-8371. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-311X2011000200020>.

FRANÇA, Marina. Práticas e sentidos da aprendizagem na prostituição. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 23, n. 47, p. 325-349, 2017. ISSN 1806-9983. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100011>.

FREITAS, João Pedro Berbert. Prazer e sofrimento no trabalho: uma análise da prostituição em uma cidade mineira. *Repositório de Trabalhos de Conclusão de Curso*, [S.l.], 2019. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/repositoriottcc/article/view/1697>. Acesso em: 20 set. 2020.

GEORGE, Paul E.; BAZO-ALVAREZ, Juan Carlos; BAYER, Angela M. The earning and spending habits of male sex workers in Lima, Peru. *SAGE open*, [S.l.], v. 8, n. 1, p. 2158244017753046, 2018. ISSN 2158-2440. DOI: <https://doi.org/10.1177/2158244017753046>.



GUIRALDELLI, Reginaldo. Prostituição masculina em Belo Horizonte: Evidências da questão social. *Oikos: Família e Sociedade em Debate*, Viçosa, v. 24, n. 2, p. 133-162, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/2158244017753046>.

HAMANN, Cristiano; PIZZINATO, Adolfo; ROCHA, Kátia Bones; HENNIGEN, Inês. Marcadores de diferença e produção de si na prostituição entre homens. *Sexualidad, Salud y Sociedad* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, n. 34, p. 68-89, 2020. ISSN 1984-6487. DOI: <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2020.34.05.a>.

HUBER, Jasmine; FRANCE, Nadine Ferris; NGUYEN, Van Anh; NGUYEN, Hoai Huong; OANH, Khuat Thi Hai; BYRNE, Elaine. Exploring beliefs and experiences underlying self-stigma among sex workers in Hanoi, Vietnam. *Culture, Health & Sexuality*, [S.l.], v. 21, n. 12, p. 1425-1438, 2019. ISSN 1369-1058. DOI: <https://doi.org/10.1080/13691058.2019.1566572>.

IMMORDINO, Giovanni; RUSSO, Francesco Flaviano. Laws and stigma: the case of prostitution. *European Journal of Law and Economics*, [S.l.], v. 40, n. 2, p. 209-223, 2015. ISSN 0929-1261. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10657-015-9491-2>.

IRAM, Tahira; ILYAS, Muhammad; BILAL, Ahmad Raza; PARVEEN, Sajida. Socioeconomic acceptability of prostitutes in Pakistan: A diversion from prostitution. *Cogent Social Sciences*, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 1646110, 2019. ISSN 2331-1886. DOI: <https://doi.org/10.1080/23311886.2019.1646110>.

JACQUES-AVIÑÓ, Constanza; ANDRÉS, Anna de; ROLDÁN, Llanos; FERNADEZ-QUEVEDO, Manuel; OLALLA, Patricia Garcia de; DÍES, Elia; ROMANI, Oriol; CAYLÀ, Joan A. Trabajadores sexuales masculinos: entre el sexo seguro y el riesgo. *Etnografía en una sauna gay de Barcelona, España. Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 4707-4716, 2019. ISSN 1678-4561. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-812320182412.27842017>.

JESUS, Diego Santos Vieira de. Além do coração selvagem: a prostituição masculina em “Sauvage” (2018). *Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, [S.l.], v. 2, n. 7, 2019. ISSN 2595-3206. DOI: [10.31560/2595-3206.2019.7.10106](https://doi.org/10.31560/2595-3206.2019.7.10106).

KRAWCZAK, Kaoanne Wolf; SANTOS, Juliana Oliveira; STÜCKER, Bianca. Só nos resta uma “única” escolha: a relação de travestis e transexuais com o mercado de trabalho e a necessidade de recorrer à prostituição. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 6. 2017, São Leopoldo. Anais... p. 372-388, 2017. ISSN 2448-0142. Disponível em: <http://anais.est.edu.br/index.php/genero/article/view/851>. Acesso em 10 mai. 2021.

KUMAR, Navin; GROV, Christian. Exploring the occupational context of independent male escorts who seek male clients: the case of job success. *American Journal of Men's Health*, v. 12, n. 4, p. 877-883, 2017. ISSN 1557-9891. DOI: <https://doi.org/10.1177/1557988317746836>.

KUMAR, Navin; MINICHELLO, Victor; SCOTT, John; HARRINGTON, Taylor. A global overview of male escort websites. *Journal of Homosexuality*, [S.l.], v. 64, n. 12, p. 1731-1744, 2017. ISSN 1540-3602. DOI: <https://doi.org/10.1080/00918369.2016.1265356>.

LEITE, Inês Ferreira. Prostituição feminismo e capitalismo no debate legalização vs. incriminação. *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*, [S.l.], n. 35, p. 93-113, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/40857106/Prostitui%C3%A7%C3%A3o_feminismo_e_capitalismo_no_debate_e_legaliza%C3%A7%C3%A3o_Scielo. Acesso em: 10 mai. 2021.



LOBO, Jennifer; VAZ, Regina. Como conseguir um homem rico: dicas para encontrar amor e dinheiro. [S.l.]: Matrix, 2017. ISBN 9788582303245.

MANNING, Elizabeth; BUNGAY, Vicky. 'Business before pleasure': the golden rule of sex work, payment schedules and gendered experiences of violence. *Culture, health & sexuality*, [S.l.], v. 19, n. 3, p. 338-351, 2017. ISSN 1369-1058. DOI: <https://doi.org/10.1080/13691058.2016.1219767>.

MARKOVÁ, Ivana. A fabricação da teoria de representações sociais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, v. 47, n. 163, p. 358-375, 2017. ISSN 1980-5314. DOI: <https://doi.org/10.1590/198053143760>.

MCCAUSLAND, Kahlia; LOBO, Roanna; LAZAROU, Mattea; HALLETT, Jonathan; BATES, Julie; DONOVAN, Basil; SELVEY, Linda A. 'It is stigma that makes my work dangerous': experiences and consequences of disclosure, stigma and discrimination among sex workers in western australia. *Culture, Health & Sexuality*, [S.L.], p. 1-16, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/13691058.2020.1825813>.

MCNEAL, Brittani A. Correlates of exchanging sex for drugs or money for adolescent males: a hidden population. *Journal of Homosexuality*, [S.l.], p. 1-29, 2020. ISSN 1540-3602. DOI: <https://doi.org/10.1080/00918369.2020.1715141>.

MENESES-FALCÓN, Carmen. "Living in the brothel": participant observation in hidden contexts. *The Social Science Journal*, [S.l.], p. 1-15, 2020. ISSN 0362-3319. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.soscij.2019.04.010>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; GUERRIERO, Iara Coelho Zito. Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 4, p. 1103-1112, 2014. ISSN 1678-4561. DOI: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.18912013>.

MINICHIELLO, Victor; SCOTT, John; CALLANDER, Denton. A new public health context to understand male sex work. *Bmc Public Health*, [S.l.], v. 15, n. 1, p. 282, 2015. ISSN 1471-2458. DOI: <https://doi.org/10.1186/s12889-015-1498-7>.

MITTAL, María Luisa; BAZZI, Angela Robertson; RANGEL, Maria Gudelia; STAINES, Hugo; YOTEBIENG, Kelly; STRATHDEE, Steffanie A.; SYVERTSEN, Jennifer. 'He's not my pimp': toward an understanding of intimate male partner involvement in female sex work at the Mexico-US border. *Culture, Health & Sexuality*, v. 20, n. 9, p. 961-975, 2018. ISSN 1464-5351. DOI: <https://doi.org/10.1080/13691058.2017.1403651>.

MONICA, Eder Fernandes; COSTA, Ramon Silva. Economias sexuais e normatividade de gênero: o tratamento sociojurídico da prostituição masculina no brasil. *Interfaces Científicas-Direito*, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 39-52, 2019. ISSN 2316-381X. DOI: <https://doi.org/10.1177/0731121418756042>.

MOREIRA, Jaime Alonso Caravaca; PADILHA, Maria Itayra; SILVA, Denise Guerreiro Vieira da; SAPAG, Jaime. Theoretical and methodological aspects of social representations. *Texto & Contexto-Enfermagem*, Florianópolis, v. 24, n. 4, p. 1157-1165, 2015. ISSN 1980-265X. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-0707201500003440014>.

MOSCOVICI, Serge. An essay on social representations and ethnic minorities. *Social Science Information*, [S.l.], v. 50, n. 3-4, pág. 442-461, 2011. ISSN 1461-7412. DOI: <https://doi.org/10.1177/0539018411411027>.



MOSCOVICI, Serge. Representações sociais: Investigações em psicologia social. Editora: Editora Vozes, 2015, 408p. ISBN: 97-8853-2628-96-1.

MOTA, Kátya Alexandrina Matos Barreto. A venda do desejo: a representação social da prostituição. Referências em Saúde da Faculdade Estácio de Sá de Goiás-RRS-FESGO, v. 1, n. 1, 2018. ISSN 2596-3457. Disponível em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/rrsfesgo/article/view/5615>. Acesso em: 20 set. 2020.

NASCIMENTO, Dorinaldo dos Santos. Corpos monetarizados & intercambialidades homoeróticas. Revista Língua&Literatura, [S.l.], v. 35, n. 20, p. 1-16, 2018. ISSN 1984-381X. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/revistalinguaeliteratura/article/view/2786>. Acesso em: 20 set. 2020.

OSELIN, Sharon S. Challenging stigma: Identity talk among male sex workers in a recovery program. Sociological Perspectives, [S.l.], v. 61, n. 2, p. 240-256, 2018. ISSN 1533-8673. DOI: <https://doi.org/10.1177/0731121418756042>.

PAIVA, Kely César; PEREIRA, Jefferson Rodrigues; GUIMARÃES, Letícia Rocha; BARBOSA, Jane Kelly Dantas; SOUSA, Caissa Veloso e. Mulheres de vida fácil? Tempo, prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 60, n. 3, p. 208-221, 2020. ISSN 2178-938X. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0034-759020200304>.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues; ROSA, Marcelo Victor da; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Prostituição masculina no Brasil. Revista de Antropologia, [S.l.], v. 62, n. 2, p. 432-458, 2019. ISSN 1678-9857. DOI: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2019.161075>.

PASSAMANI, Guilherme Rodrigues; ROSA, Marcelo Victor da; LOPES, Tatiana Bezerra de Oliveira. Prostituição masculina e intersecções desejantes nas ruas de Campo Grande (MS). Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 35, n. 103, e3510303, 2020. ISSN: 1806-9053. DOI: <https://doi.org/10.1590/3510303/2020>.

PEREIRA, Jefferson Rodrigues; PAIVA, Kely Cesar Martins de; SANTOS, José Vítor Palhares dos; SOUSA Caissa Veloso. “O show tem que continuar”: Encalços e percalços do ser/estar prostituta. Contextus: Revista Contemporânea de economia e gestão, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 151-180, 2018. DOI: <https://doi.org/10.19094/contextus.v16i3.32642>.

PEREIRA, Jefferson Rodrigues; SANTOS, José Vitor Palhares dos; SILVA, Alice Gerlane Cardoso da; PAIVA, Kely César Martins de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. Entre o sagrado e o profano: identidades, paradoxos e ambivalências de prostitutas evangélicas do baixo meretrício de belo horizonte. Cadernos Ebape.Br, [S.l.], v. 18, n. 2, p. 391-405, jun. 2020. ISSN 1679-3951. DOI: <https://doi.org/10.1590/1679-395177568>.

PRADO JÚNIOR, Valdir Inácio do; AMARAL, Fabrício Borges do; BARBOSA, Ycarim Melgaço. Epistemologia do território: a prostituição masculina em Goiânia. Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana, Curitiba, v. 10, n. 2, p. 335-345, 2018. ISSN 2175-3369. DOI: <https://doi.org/10.1590/2175-3369.010.002.ao14>.

RIZZATTI, Daniela Bach; SACRAMENTO, Adriana Malheiros; VALMORBIDA, Viviane de Souza; MAYER, Viktoria Pereira; OLIVEIRA, Manoela Ziebell de. Transição de carreira em adultos brasileiros:



um levantamento da literatura científica. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 153-173, 2018. ISSN 1983-8220. DOI: <http://dx.doi.org/10.36298/gerais2019110112>.

RODRIGUES, Tereza Cristina; TELES, Lucio França. O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Brasília, v. 100, n. 254, p. 17-38, 2019. ISSN 2176-6681. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6681.rbep.100i254.3456>.

ROSA, Mauricio Matheus de Melo. *Abordagem da prostituição masculina no campo da saúde*. 2015. 65 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Saúde Coletiva) – Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Saúde Coletiva, Cuiabá, 2015. Disponível em: <https://bdm.ufmt.br/handle/1/586>. Acesso em: 20 set. 2020.

SANCOVSCHI, Beatriz. Sobre a noção de representação em S. Moscovici e F. Varela. *Psicologia & Sociedade*, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 7-14, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-71822007000200002>.

SANTOS, Élcio Nogueira; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Amores e vapores: sauna, raça e prostituição viril em São Paulo. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 133-154, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/1805-9584-2016v24n1p133>.

SANTOS, Flavio Roberto de carvalho; ALMEIDA, Vinicius Teixeira de; OLIVEIRA, Arthur da Silva de; FERREIRA, Igor Alexandre Paixão. Programa de garoto: vida e sexualidade. *Integración Académica en Psicología*, [S.l.], v. 4, n. 12, 2016. ISSN 2007-5588. Disponível em: <http://www.integracion-academica.org/component/content/article/21-volumen-4-numero-12-2016/138-programa-de-garoto-vida-e-sexualidade>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SANTOS, João Diogenes Ferreira dos. *Desvelando o mercado do sexo: Trajetória de vida dos “Garotos de programas” da Cidade de Salvador*. Seminário Internacional Fazendo Gênero, Florianópolis, v. 10, 2013. ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373286043_ARQUIVO_DESVELANDO_MERCADO_DO_SEXO-artigofazendogenero2013.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.

SANTOS, José Alcides Figueiredo; RIBEIRO, Luiz Vicente Fonseca. Emprego, estratificação e desigualdade. *Estudos Avançados*, [S.L.], v. 30, n. 87, p. 89-102, ago. 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.30870006>.

SANTOS, Maria Lourdes dos. *Da batalha na calçada ao circuito do prazer: um estudo sobre prostituição masculina no centro de Fortaleza*. 2013. 192f. – Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2013. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6300>. Acesso em: 10 mai. 2021.

SANTOS, Renato Caio Silva. *Segredos de corpos nus: masculinidades, corpolatria e significados da prostituição entre garotos de programa de luxo*. 2019. Tese (Doutorado em Ciências) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-04062019-161603/pt-br.php>. Acesso em: 10 mai. 2021. DOI: <https://doi.org/10.11606/T.6.2019.tde-04062019-161603>.

SCHRIMSHAW, Eric W.; SIEGEL, Karolynn; MEUNIER, Étienne. Venues where male sex workers meet partners: the emergence of gay hookup apps and web sites. *American Journal of Public Health*, [S.l.], v. 107, n. 12, p. 1866, 2017. ISSN 0090-0036. DOI: <http://dx.doi.org/10.2105/AJPH.2017.304118>.



SHUMKA, Leah; STREGA, Susan; HALLGRIMSDOTTIR, Helga Kristin. "I wanted to feel like a man again": Hegemonic masculinity in relation to the purchase of street-level sex. *Frontiers in Sociology*, [S.l.], v. 2, p. 15, 2017. ISSN 2297-7775. DOI: <http://dx.doi.org/10.3389/fsoc.2017.00015>.

SILVA, Ananias Agostinho. Entre dizeres e fazeres: Construção identitária de garotos de programas (michês) "tudo com remédio, senão o pau não sobe". *Memento*, [S.l.], v. 6, n. 2, p. 4, 2015. ISSN 1807-9717. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/2454/>. Acesso em: 20 set. 2020.

SILVA, José Maurício da. Prostituição masculina: um destino pulsional?. *POLÊM! CA*, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 161-181, 2011. ISSN 1676-0727. DOI: <https://doi.org/10.12957/polemica.2011.2851>.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. Sentidos do trabalho apreendidos por meio de fatos marcantes na trajetória de mulheres prostitutas. *RAM. Revista de Administração Mackenzie*, [S.L.], v. 16, n. 6, p. 19-47, dez. 2015. ISSN 11678-6971. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1678-69712015/administracao.v16n6p19-47>.

SILVA, Késia Aparecida Teixeira; CAPPELLE, Mônica Carvalho Alves. O trabalho na prostituição de luxo: Análise dos sentidos produzidos por prostitutas em Belo Horizonte-MG. *Revista de Gestão Social e Ambiental*, [S.l.], p. 23-39, 2017. ISSN 1981-982X. DOI: <https://doi.org/10.24857/rgsa.v0i0.1391>.

SOARES, João Francisco Selhorst; SANTOS, Lucimara Cristina dos; CARDOSO, Josiane Paia; NEVES, Lídia; BATISTA, Eraldo Carlos. A prostituição como profissão: uma análise sob a ótica das profissionais do sexo. *Revista Saberes*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 63-75, 2015. ISSN 2358-0909. DOI: <https://doi.org/10.1080/13545701.2018.1556797>.

SOHN, Kitae. More educated sex workers earn more in Indonesia. *Feminist Economics*, [S.l.], v. 25, n. 3, p. 201-223, 2019. ISSN 1466-4372. DOI: <https://doi.org/10.1080/13545701.2018.1556797>.

SOUZA NETO, Epitácio Nunes; RIOS, Luis Felipe. Apontamentos para uma economia política do cu entre trabalhadores sexuais. *Psicologia & Sociedade*, [S.l.], v. 27, n. 3, p. 579-586, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v27n3p579>.

SOUZA NETO, Epitacio Nunes; VIANA, Normando José Queiroz; NASCIMENTOS, Alexsandro Medeiros do; ROAZZI, Antonio. Autoconsciência e autorrepresentações do self entre trabalhadores do mercado sexual homoerótico sul-americano. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH*, [S.l.], v. 4, n. 2, p. 607-630, jul./dez. 2020. ISSN 2594-8806. Disponível em: <https://www.periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7985>. Acesso em: 20 set. 2020.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão. In: *CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS*, 11, 2011, Salvador. Anais..., 2011. Disponível em: <https://docplayer.com.br/1857721-Representacao-sobre-a-atividade-de-garotos-de-programa-em-belo-horizonte-mg-emprego-trabalho-ou-profissao-1.html>. Acesso em: 10 mai. 2021.

VARGAS, Francisco Beckenkamp. Trabalho, emprego, precariedade: dimensões conceituais em debate. *Caderno Crh*, [S.L.], v. 29, n. 77, p. 313-331, ago. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792016000200008>.



VIEIRA, Kay Francis Leal; NOBREGA, Renata Pires Mendes da; ARRUDA, Maria Valdênia Soares; VEIGA, Priscila Monique de Melo. Representação social das relações sexuais: um estudo transgeracional entre mulheres. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 36, n. 2, p. 329-340, 2016. ISSN 1982-3703. DOI: <https://doi.org/10.1590/1982-3703001752013>.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. ISSN 2595-315X. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 20 set. 2020.

WALDECK, Hiago. *O diário quase secreto de um garoto de programa*: São Paulo: Amazon, 2016. 234p. ISBN 9781652855453.

ZVEITER, Adriana. *A regulamentação profissional da prostituição*. Dissertação (Mestrado em Ciências do Trabalho e Relações Laborais) – Departamento de Sociologia. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, 2017. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/16087/4/master_adriana_zveiter.pdf. Acesso em: 10 mai. 2021.